NOTAS SCIENTIFICAS

ESTUDOS DE OCCULTISMO

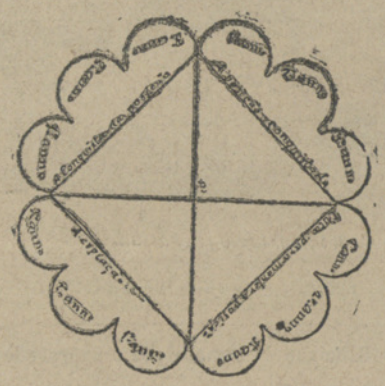

Fig. 1 — Divisão do cyclo em quatro periodos

O primeiro periodo de tres annos—primeiro ternario—corresponde á ideia de recompensa justa do trabalho, e é analogo á primavera, quando, depois dos frios do inverno, começa o sol a aquecer novamente a terra e a fazer reverdecer as plantas.

O individuo que no cyclo que terminou, acabou de expiar as suas faltas, pela privação dos bons materiaes, pelo desprezo dos outros, etc, começa agora, ao sentir-se bafejado pela fortuna, durante o primeiro anno do cyclo, a conceber a esperança de uma melhor fortuna. Obtem um emprego, onde pode exercer a sua actividade, e que ha de ser justamente renumerado. Este periodo é caracterisado pelo bom resultado da lucta pela vida e pela attenção de um ganha-pão.

O segundo ternario corresponde á ideia de trabalho recompensado com excesso, e é analogo ao verão, quando o sol começa a amadurecer as searas que hão de pagar com usura ao lavrador o trabalho com ellas despendido. Então a confiança que o individuo tinha em si, que havia sido profundamente abalada no fim do duodenario precedente e que havia recomeçado a apparecer no primeiro ternario do nosso cyclo, torna-se agora mais rigorosa e vae preparar o individuo para entrar no terceiro periodo.

Este corresponde ao outomno. N'elle continua o individuo a colher os fructos do seu trabalho, como o lavrador recolhe os productos da lavoura; mas o que caracteriza este periodo, é que, na ultima parte de elle, lhe é proposto o problema do Bem e do Mal. Succede isto ordinariamente no oitavo anno do cyclo; mas já no principio de este terceiro ternario, a extraordinaria confiança em si que o individuo fora ganhando, lhe fazia crer que o bom exito, obtido nos seus negocios, fora consequencia de sua intelligencia, do seu trabalho e da boa orientação que conseguira dar á sua vida. Ao individuo assim preparado, logo que se lhe apresente o problema do Bem e do Mal, é-lhe facil, illudido como está pela confiança que tem em si, escolher o Mal, julgando deter o Bem. Entra assim no ultimo ternario, onde vae ordinariamente soffrer o castigo da sua má escolha.

O quarto periodo do cyclo corresponde ao inverno, quando as folhas cáem das arvores, desapparece a vegetação e o frio faz gelar a agua nos rios e nos lagos, fazendo de elles desapparecer a vida. O individuo vae agora soffrer a colheita do Mal que praticou, e por isso se pode dizer que nesta parte do cyclo está sob o *influxo periodico do Mal*, o qual pode durar todo o periodo ou apenas uma parte de elle. Os sentimentos que neste periodo predominam são a desconfiança e o medo, ou apenas a prudencia, se o individuo se deixar ir no sentido da evolução. E' o contrario do que succede nos outros periodos, onde se manifesta e accentua a confiança em nós mesmos.

Para completar-mos o estado do duodenario, vamos ainda dividi-lo em tres periodos de quatro annos cada um. Assim a mesma ideia geral que domina o duodenario, ha de manifestar-se e realisar-se em cada um dos periodos de quatro annos. Quer dizer, os acontecimentos irão reproduzir-se analogicamente dentro de cada um dos periodos de quatro annos, mas de uma maneira mais resumida.

(Continúa)

Bocage e Nicolau Tolentino

Estes dois poetas notaveis e comtenporaneos nunca nas suas obras fallavam um do outro. E' uma particularidade e que parece dar a entender que foram um ao outro completamente indifferentes. Assevera com tudo José Feliciano de Castilho, que por duas vezes se travou entre elles pacifico duello poetico.

Uma occasião estava Bocage, pensativo e encostado á porta d'uma loja, chegou-se-lhe Nicolau Tolentino ao ouvido e disse-lhe :

Elmano, a lyra divina,
Porque razão emmudece,

Bocage acudiu logo de prompto :

Porque mais cala no mundo
Qnem mais o mundo conhece.

Voltou Nicolau Tolentino :

Que tens achado no mundo
Que mais assombro te faça?

Resposta immediata de Bocage :

Um poeta com ventura,
Um toleirão com desgraça.

Ambos tinham pés enormes e um ao outro vibraram os seguintes epigramas

Disse Bocage, do pé de Tolentino :

Se o padre santo tivesse
Um pé tão longo e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija pé em Macau.

Disse Tolentino dos sapatos de Bocage :

Eram três juntas de bois,
E daquelles mais selectos
A puxar pelos sapatos
E os sapatos quietos.

2 de Novembro

A S. M. S.

Olha em torno de ti esses crepes,
E do pranto, esses olhos magoados,
Escuta alem sobre a torre da egreja,
O som triste de dobre a finados!

Vê o povo que vem celebrar,
Uma festa aos que a morte ceifou,
N'esta egreja em que as tristes familias
Vem rezar por quem Deus lhes levou.

Quantos ha que ha um anno, aqui mesmo,
Pelos mortos suas preces entoaram,
E agora em funerea jazida,
Frias louzas p'ra sempre os fecharam

Quantos ha que cedendo ao destino,
De hoje a um anno, perdidas tambem,
Não terão aqui mesmo chorado,
Pela esposa, ou amigos, ou mãe?

Ai! Se n'esses que a morte levar,
For meu corpo envolver-se no pó,
N'este dia que a morte só lembra,
Vem aqui demonstrar o teu dó.

E áquelle que em vida te foi,
Um modello de pura amizade,
Em memoria do pobre derrama,
Triste pranto d'amor e saudade.

ANGELO PITOU.

CONTOS BREVES

III

Recordar é viver

A Th. Cabreira Junior.

A quinta das Violêtas é uma encantadora propriedade situada numa ridente povoação, distante de Lisboa poucos kilometros. Atualmente pertence a um medico, distinto aliênista que a aproveita apenas para nêla passar dois ou três mêses, durante o verão.

Ora este âno, numa formosa manhã de maio, o caseiro, sentindo bater ao portão, foi abri-lo e deparou com uma senhora, idosa já, que lhe disse timidamente:

— «Se o senhor me deixasse entrar... Sabe, esta quinta já foi minha... Gostava tanto de a vêr...«

O caseiro, como era natural, satisfez-lhe o pedido. A senhora idosa entrou.

.....

Quarenta ânos!... Sim, quarenta

ânos e no entanto parecia que ainda tinha sido hontem...

Que venturosos dias não havia passado ali, nesse «paraiso» onde agora entrava como uma extranha, éla, que já fora a dona de todas essas arvores, de todas essas pedras!... Que felizes tempos!... Era então uma linda rapariga de cabêlos d'ouro a quem tudo sorria... Uma atmosfera d'amor a rodeava... Amava tanto o seu marido... tanto... e—oh! suprema ventura!—era tambem amada por êle com a mesmo ardor!... A' noite, ternamente enlaçados, percorriam as ruas orladas de buxo que a lua, lá do alto, iluminava com a sua pálida luz... Oh! quantas vezes... quantas, debaixo do ceu coberto de estrelas, se não haviam unido os seus labios num longo e ardente beijo, cujo ruido o murmureo das folhas sacudidas pela brisa, abafava discretamente...

Quarenta ânos, sim, quarenta ânos e no entanto parecia que ainda tinha sido hontem!...

.....

...Entrou. No pateo em que se encontrava, os seus pés pousavam sobre os mesmos ladrilhos d'outr'ora e os seus olhos sobre as mesmas paredes, sobre a mesma floreira de ferro, pintada com o mesmo verde. Só os vasos e as plantas é que haviam mudado... Saiu do pateo. Tomou uma rua .. aqui, uma arvore a menos, ali, um muro caiado de fresco... uma cancéla nova... Nada mais e haviam decorrido tantos ânos... tantos...

Chegou ao fim da rua, onde existia uma mesa de pedra, rodeada por um assento tambem de pedra... As dôze badaladas do meio-dia resoavam lá ao longe, tangidas pelo pequeno sino da freguezia... E o som desse sino era tambem o mesmo... o mesmo d'outr'ora...

O filho do caseiro veio chamar o seu pae para ir jantar. A senhora idosa ficou só...

Ali... sim, fôra ali, sentada naquêle mesmo banco que, num dia lindo de maio, num dia em que o sol brilhava, radioso, iluminando um ceu azul d'anil, sem uma nuvem, que ouvira as primeiras palavras d'amor, que trocára o seu primeiro beijo...

As lagrimas começaram escorregando pelas suas faces, vagarosamente... E' que toda a sua vida—monstruosa fita cinematographica ora alegre, ora triste—ia passando por diante dos seus pobres olhos apagados: primeiro a felicidade, depois a desgraça... a ruina de seu marido, a sua partida para a Africa... a sua morte... toda uma existencia, emfim, da qual nada restava... nada, a não ser, lá longe, debaixo das areias ardentes dum deserto africano, um feixe d'ossos calcinados e ali, ali, á sombra dum cedro centenario, um outro feixe d'ossos coberto porem com um involcro de péle diafana e resequida...

As lagrimas eram cada vez mais amargas... mais abundantes... O sol, o lindo sol de maio, brilhava lá em cima, radioso, iluminando um ceu d'anil, sem uma nuvem... sem uma unica nuvem...

.....

.....

Recordar é viver, mas, quando o caseiro—terminada a refeição—se dirigiu para o local onde deixára a misteriosa visitante, encontrou um corpo inerte, embora que ainda quente... A alma, essa, voava já na imensidade, a caminho da eterna paz... da eterna ventura...

MARIO DE SÁ CARNEIRO

DIVA

A tépida aragem
Sonóra murmura
Beijando a candura
Da candida flôr;
E á tua janella
Diviso-te, fada,
Gentil, delicada.
Sorrindo d'amor.

Que diva formosa
De rôsto tão lindo,
Eu vejo sorrindo
No seu varandim!
De face tão branca,
Tão pura, mimosa;
De face formosa
De puro carmim.

De púrpureos labios,
Cabêllo ondeante;
De olhar fascinante,
De bôcca gracil.
Que linda! Que linda!
Que diva tão bella!
Que linda donzella
Sorri tão gentil!

Ai, sôlta a minh'alma
A' cithara queixas
Em tristes endeixas:
Em cantos de dôr;
E tu da janella
Soltando radiosa
Qual nympha formosa
Beijinhos d'amor!

Que noite! Que noite!
Feliz, venturosa
De ver-te ditosa
Serena e gracil!
Por entre a vidraça,
Que lindo sorriso,
Ditoso, diviso,
Tão meigo e gentil!

Porto.

PINTO FERREIRA.

Musa Galhofeira

MOTTE

Lindo amor que me mataes
Com tão grande ingratidão.

GLOSAS

Eu se não peço a teus paes
Tua dextra que me logra
Receio as iras da sogra,
Lindo amor que me matais.
Eu bem sei que os animaes,
Sejam ferozes ou não,
Teem domesticação.
As sogras... domesticar?!
Nem a pau!... Nem se calhar
Com tão grande ingratidão.

LORENO.

Tu tens em ti dotes taes,
Tornas-me louco d'amor,
E das-me tão pouco valor
Lindo amor que me mataes,
Suspiro por ti aos ais
E mais negro que um tição
Sinto o pobre coração.
Creio bem qu'isto é enguiço,
Das-me cabo do toutiço
Com tamanha ingratidão.

EDIPO.

Ai filho! não falles mais!
Sinto fortes sensações!
Tenho o corpo em convulsões!
Lindo amor que me matais!
Attende meus ternos ais,
Neus suspiros e afflicção,
Ah! tu não tens coração!
Não vês que estou a soffrer?!
Que nem me posso manter...
Com tão grande ingratidão?!...

A. PITOU

MOTTE A GLOSAR

Senhora madre abbadessa
Não castigue as educandas.

O Neptuno de Messina

(*imitação dum soneto de Emilio Bergerat publicado no jornal francês «Comœdie»*)

Sobre o porto de Messina, onde tudo são destroços, apenas se vê de pé a estatua de Neptuno, construida no seculo XVI.

(Dos jornaes)

Em vão procuraes hoje, ó viandante,
Aquela qu'inda ha pouco era Messina:
Um cataclismo horrivel, que alucina,
Tragou-a inteiramente, n'um instante!

Sobre as ruinas, a morte triumfante
Pairando 'stá, qual ave de rapina;
A carne pôdre, os vivos contamina,
O ar que se respira é sufocante!

Palacios e casebres abateram,
Até mesmo as egrejas não puderam
Resistir ao embate gigantesco!

Tudo enguliu a terra!... Tudo, não!
Ficou Nepetuno, o velho deus pagão;
E' êle o guarda d'esse cáos dantesco!...

MARIO DE SÁ CARNEIRO.

Arrebatamento

Qualquer coisa perdi! que antigamente
Eu era tão feliz e já não sou!
Qualquer coisa perdi!—alma que sente!—
Que me fugiu e para ti voou!

Qualquer coisa perdi! era contente
Outr'ora e a alegria me deixou!
Qualquer coisa perdi!—alma latente!—
Que me fugiu e para ti voou!

Foi sobre um palco, foi, que te fitei:
Dormia o Têdio, despertava Talma!
E d'esse instante foi que assim te amei!

Fugiu-me desde então socego e calma!
—E' que n'aquella noite em que te olhei
Eu arranquei pedaços da minh'alma!!

Lx.ª 18-10-908.

A. DE SANTA-RITA.